

Orai Pelas Almas¹

Daniella de Lima e SILVA²

Anilton Oliveira JÚNIOR³

Jessica de SOUZA⁴

Noelle CABRAL⁵

Romulo SOUSA⁶

Oberdan ANGELIM⁷

Victor COSTA⁸

Ítala Clay de Oliveira FREITAS⁹

Universidade Federal do Amazonas, AM

RESUMO

O curta-metragem “Orai pelas almas”¹⁰, produção desenvolvida como trabalho final do Módulo de Audiovisual do Curso de Jornalismo em 2013, conta a experiência de um grupo de universitários que encontra em Iranduba um local desprezado pela população do município: a vila de Paricatuba. Conhecida pelas ruínas históricas do antigo leprosário, a pequena vila às margens do Rio Negro guarda histórias intrigantes. As paredes desgastadas, o chão agora inexistente e as árvores que tomaram conta.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual; Documentário participativo; Vila de Paricatuba; Narrativas;

1 INTRODUÇÃO

Durante o segundo semestre de 2013, na disciplina de Oficina de Audiovisual, foi solicitado aos alunos do 3º período de Jornalismo que produzissem um curta-metragem documental, de ficção ou experimental, de cinco minutos, que serviria como produto final do módulo de Audiovisual. Tendo como objetivo principal por em prática as teorias, métodos e técnicas aprendidas durante o período, a construção do curta-metragem se baseou

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria de Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de Não ficção/documentário/docudrama (Avulso).

² Aluna líder do grupo, estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo e integrante do PET Comunicação Social. email: daniellacoriolano16@gmail.com.

³ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: aniltonjunior654@gmail.com

⁴ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: tammijessica@gmail.com

⁵ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: noelle14_cabral@hotmail.com

⁶ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: desousaromulo@gmail.com

⁷ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: oberdanorris@gmail.com

⁸ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: vikthorcosta@gmail.com

⁹ Orientador do trabalho. Professor(a) do Curso de Jornalismo e tutora do PET Comunicação Social, email: iclayfreitas@hotmail.com

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMYFXcZVphc>

em partes da história da Vila de Paricatuba. Diante da oportunidade única no decorrer do curso, a princípio, foi escolhido pela equipe produzir um curta de ficção, mais especificamente uma história de terror/suspense. Como cenário para a trama foi definida a Vila de Paricatuba, localizada a 40 km de Manaus, onde existem ruínas de uma construção de 1890, que abriga uma série de relatos sobrenaturais, que são intrinsecamente ligadas à história local, contadas por seus moradores.

A Vila de Paricatuba, personagem principal do curta, foi construída em meados de 1880, paralelamente à construção do Teatro Amazonas. Ninguém sabe ao certo por que razão foi construído um prédio suntuoso e de arquitetura moderna do outro lado da cidade, onde o transporte só poderia ser feito através do rio, em 3 ou 4 horas de barco. Várias suposições foram levantadas sobre a sua real função. Uma delas é a de que o prédio foi construído para abrigar imigrantes italianos que vinham em missões para o Amazonas. Mesmo que este fosse seu objetivo, a construção não chegou a ser hospedaria de emigrantes ou como gostam de nomear, o provável 1º Resort do Amazonas, pois somente em 1896 foram retomadas as obras pelo então Governador Fileto.

O casarão, inaugurado em 1906, pelo Presidente da República Afonso Pena, foi escola e presídio, e só em 1924, quando a produção da borracha no Brasil entra em crise e resulta no fechamento do Teatro Amazonas, o Casarão de Paricatuba se torna o Leprosário Belisário Penna. O leprosário, que perdurou até 1960, foi criado com o objetivo de diminuir o número de contaminação por hanseníase na capital, doença que afetava parte do país de forma desastrosa, para a época, em estados como Pará e Maranhão. Já em 1975, um grupo de missionários da igreja Católica iniciou um trabalho que durou 13 anos, dando assistência médica aos doentes que resistiram à mudança e permaneceram em Paricatuba e com os que retornaram para a vila. Ajuda que tinha como principais interessados os próprios missionários, que segundo o Sr. Francisco Feitosa e sua esposa Maria Feitosa, ambos hansenianos, usavam da doença para arrecadar fundos que nunca beneficiaram a comunidade.

Toda a trajetória do casarão de Paricatuba, após receber o título de presídio, é relatada pelos moradores, especialmente os que viveram o drama de serem descartados pelo Estado. Durante as entrevistas com os moradores mais antigos da vila, surgiam histórias que relatavam a tortura vivida pelos presidiários e pelos doentes. Segundo Paulo Mamulengo,

um dos moradores, o casarão possuía uma série de objetos de tortura, usados no período em que foi presídio, como as argolas de ferro colocadas nas jaqueiras do jardim interno da casa, que eram usadas para pendurar os presos como forma de disciplina. A existência desses objetos, em parte, é duvidosa, mas marcas que esses objetos deixaram nas árvores e no chão são visíveis a olho nu.

Quando o casarão deixou de ser presídio e passou a ser hospital, os relatos de tortura continuam. Nas ruínas, mesmo depois de mais de meio século de ter sido um presídio, um compartimento da casa permaneceu como cela que, segundo os moradores e pacientes do antigo hospital, servia para também maltratar os doentes.

São esses e outros relatos que deram origem às histórias de acontecimentos sobrenaturais sobre as ruínas. Como a história reproduzida por Paulo Mamulengo, que relata a existência de uma freira que ronda pela vila e que revira supostas louças na cozinha do casarão. Outra história, a que mais nos chamou a atenção, foi contada pelo Sr. Francisco Feitosa e repetida por outros dois moradores da vila. A história da procissão, retratada em forma adaptada na segunda parte do curta, conta a história de pessoas de branco segurando velas que saíam das ruínas cantando e rezando em direção ao cemitério.

Durante as pesquisas feitas sobre a história da Vila, em especial sobre a construção, assim como as entrevistas feitas com moradores essas histórias de assombrações foram surgindo, durante as conversas e em poucas páginas do documento escrito por Samuel Uchôa, *A leprosaria de Paricatuba* (1985), com o qual tivemos acesso através do secretário de Turismo do município de Iranduba, o Sr. Luiz Margarido. Diante de tantas histórias e dos documentos em vídeos coletados durante as primeiras entrevistas, decidimos misturar o documental com a ficção, de modo que no enredo do vídeo acontecesse uma dessas histórias contadas pelos próprios moradores, levando em consideração que

O filme opera escolhas, organiza elementos entre si, decupa no real e no imaginário, constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser em parte seu reflexo, mas também pode ser sua recusa (ocultando aspectos importantes do mundo real, idealizando, ampliando certos defeitos, propondo um “contra mundo” etc.). (VANOYE e GOLIOT-LETE, 2008, p.56).

2 OBJETIVO

Apresentar, em formato audiovisual, os moradores e o local de modo a valorizar suas narrativas e contos locais relatados pelos próprios moradores que envolvem acontecimentos sobrenaturais, mostrando o seu potencial para a produção audiovisual no norte do país. A Vila de Paricatuba, assim como tantas outras comunidades amazônicas, guarda histórias intrigantes que na sua maioria estão intrinsicamente ligadas à própria história local, que merecem ser destacadas.

3 JUSTIFICATIVA

A motivação para fazermos um curta na Vila de Paricatuba e sobre ela, veio em função da própria história do lugar, que educou e formou pessoas, mas também maltratou e descartou muitas pessoas que hoje vivem na própria vila. O pomposo prédio construído à margem direita do Rio Negro no final do século XIX foi escola técnica, liceu de artes, hospedaria, prisão e hospital próprio para pessoas portadoras de hanseníase.

Em meio a tantas instituições que se alocaram ali, o hospital e a prisão foram as que mais deixaram marcas na população da vila. As histórias contadas pelos moradores, na sua maioria, fazem menção às torturas vividas ali tanto pelos presos quanto pelos doentes. Histórias que não são contadas. Dar voz a essas narrativas contadas pelos próprios envolvidos que perduram por décadas após a desativação do casarão se faz necessária uma vez que estas mesmas histórias são descartadas, na maioria das produções feitas na vila.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para iniciarmos a produção do curta decidimos fazer uma visita ao local escolhido como cenário principal do filme. Na Vila de Paricatuba, localizada à 40km da capital amazonense, coletamos relatos sobre as ruínas de moradores e autoridades locais, como o Secretário de Turismo Luiz Margarido e o líder da comunidade, Sr. Nazareno Vasconcelos. Procuramos não fazer perguntas diretas sobre as supostas assombrações que existiam na construção, na tentativa de que essas histórias surgissem naturalmente.

Paralelamente às conversas com os moradores mais antigos, estabelecemos contato com o secretário de turismo que disponibilizou alguns documentos oficiais que contam a história das ruínas desde a sua construção. Assim pudemos fazer ligações entre os relatos dos moradores e os escritos, comprovando a veracidade de alguns desses relatos e outros

fatos. Assim pudemos criar uma possibilidade real para que cada história contada acontecesse na trama.

Uma vez feita a coleta de dados históricos e de depoimentos dos moradores, foi desenvolvido com os integrantes da equipe um roteiro, que não seria somente uma ficção, como fora pensado no início do processo. Em função da qualidade do conteúdo documental gravado com os moradores decidimos unir o documentário à ficção.

A fase de gravação da parte ficcional do curta foi guiada pelo roteiro desenvolvido pela equipe com uma das histórias contadas pelos moradores e pelo *storyboard* que organizava toda a produção. O *storyboard* - um roteiro visual que apresenta a história para o editor em uma sequência de imagens, quadro a quadro - serviu de guia para o arte-finalista ou produtor antes de tomar a forma de arte-final (EISNER, 1987). Através desta técnica foi possível estabelecer horários, lugares e os objetos que comporiam cada cena. Além de ajudar a organizar a fase de pós-produção e a edição.

Na criação do roteiro, optamos pelo documentário experimental participativo. Experimental por levar em consideração a fusão de dois gêneros no filme, o documental e a ficção. E participativo por criar essa interação entre o real vivido pelo tema principal, os moradores e a vila, com os produtores do filme, e os próprios estudantes.

A sensação da presença em carne e osso, em vez da ausência, coloca o cineasta “na cena”. Supomos que o que aprendemos vai depender da natureza e da qualidade do encontro entre cineasta e tema, e não de generalizações sustentadas por imagens que iluminam uma dada perspectiva. (NICHOLS, 2005, p. 155)

Para cada sequência de cena de ficção, foram criados de dois a três *storyboards* que se baseavam em fotografias tiradas de alguns pontos da vila onde aconteceriam as filmagens. Tomamos essa iniciativa em função da distância, uma vez que o planejamento todo do filme foi feito em Manaus.

No processo de gravação foram utilizados equipamentos do Departamento de Comunicação da UFAM : 1 tripé, dois gravadores de som (um programado para captar som ambiente e outro para voz) e uma câmera. Foram usadas ao todo três câmeras, uma Canon EOS Rebel T3, uma Canon EOS 60D e uma Nikon D500. Equipamentos de iluminação profissional não foram usados. Nas cenas de ficção gravadas à noite, com exceção da cena

da barraca, que foi gravada com o dia ainda claro, toda iluminação partiu de aparelhos celulares e lanternas.

As gravações do curta foram divididas em três fases em três viagens à Vila de Paricatuba. Na primeira fase fizemos o reconhecimento do local e tivemos o primeiro contato com os moradores. Na segunda, coletamos depoimentos dos moradores e por fim, gravamos as cenas de ficção. A direção ficou a cargo de Daniella Lima, assim como a captação de imagens da parte ficcional do curta e a direção de fotografia. A edição de som ficou por conta do Romulo Souza e edição geral com Victor Costa, Anilton Junior e Oberdan Angelim. Na produção ficaram Noelle Cabral, Jessica Tammi e Oberdam. Todos os integrantes da equipe juntamente com um morador da vila, Ironilson Moura, com exceção da Daniella e do Romulo, atuaram na segunda parte do vídeo.

Foram entrevistados, ao todo, entre moradores e autoridades locais, 10 pessoas. Entre elas, o Sr. Luís Margarido (Secretário de Turismo do Município de Iranduba), Francisco Feitosa (morador da vila), Paulo Mamulengo (pesquisador e morador), Ricardo Pereira (morador) e Genilson Dias (diretor da escola da vila). Na fase de entrevistas e coletas de dados históricos que sustentariam o conteúdo principal do curta, as narrativas acerca da construção, todo o material foi gravado em vídeo e áudio, o que possibilitou o uso dos depoimentos para a parte documental do vídeo.

No processo de edição, a equipe fez análise e seleção dos depoimentos gravados para a composição do vídeo, de forma que um agregasse elementos a outro. Além dos depoimentos os livros e documentos disponibilizados sobre a história da Vila fizeram parte do processo de edição. Sob a direção de Victor Costa, a edição foi realizada no *software* Sony Vegas Pro 12 por Anilton Junior e Oberdan Angelim. Com o nome escolhido, “Orai pelas almas”, e o vídeo finalizados, foi desenvolvida uma identidade visual do curta, que incluía capa de DVD e um cartaz, também solicitados pelos professores do módulo. A arte foi desenvolvida por Daniella Lima, no *software* Corel Draw x6.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O título “Orai pelas almas” surgiu de uma música antiga usada por membros fervorosos da igreja Católica em festas tradicionais que envolvem quermesses e procissões, que tem como refrão o mesmo nome. A música também é muito ouvida em algumas

cerimônias tradicionais do candomblé em Manaus. Foi escolhido esse nome em função da letra, que direciona essas orações às pessoas que estão sofrendo, que relacionamos com os presos e hansenianos que eram torturados em Paricatuba, quando o casarão foi presídio e hospital, nas décadas de 1910 e 1920, respectivamente.

Já no início o curta começa com um som que desperta suspense, o que já sugere ao telespectador o gênero do curta que mistura o suspense e o terror. O primeiro som, assim como os demais que compõem a trilha sonora, foi retirado de bibliotecas online que disponibilizam sons com direitos autorais gratuito, desde que seu uso seja creditado.

O filme, que foi dividido em dois momentos, o ficcional e o documental, começa com imagens da Ponte Rio Negro, que liga Manaus ao município de Iranduba e registra um pouco do trajeto do percurso entre a capital e a vila. As cenas foram gravadas na terceira ida da equipe à vila de Paricatuba, fase de execução das imagens do momento ficcional, cujo planejamento foi guiado pelo *storyboard*. Nas últimas imagens desse momento inicial, quando de fato chegamos à vila, pouco antes do título do curta, iniciamos com um questionamento sobre a real origem da construção das ruínas, falado pelo Secretário de Turismo do Iranduba, Luiz Margarido, depoimento que dá início ao momento documental do curta, que relata de forma resumida um pouco da história da Vila de Paricatuba. Intercalado com a fala do secretário, foram inseridas imagens das ruínas e da equipe de produção do curta chegando à Vila e fazendo o reconhecimento do prédio para começar as gravações, de modo que fossem inseridos na história que se passa no segundo momento do curta.

Pela falta de referências sobre a construção de documentários tradicionais que se misturam à ficção decidimos levar em consideração que “quando assistimos documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente [...]” (NICHOLS, 2005, P.155). Portanto, era objetivo da equipe desde o início estar inserida no roteiro.

Dando continuidade ao primeiro momento, foram inseridos depoimentos de apenas dois moradores, o Sr. Francisco Feitosa e o Sr. Paulo Mamulengo. O Sr. Francisco foi o primeiro a ser entrevistado, antes mesmo de criarmos um roteiro para o curta. Seu depoimento foi gravado na primeira viagem da equipe à Vila, no final do mês de julho de 2013. No seu depoimento, que apresentou a história da vila para a equipe, estava a matéria prima do projeto, que se baseava nas histórias de assombrações que rodeavam a antiga

construção. Além de ser o depoimento mais importante, uma vez que seu Francisco e sua esposa foram residentes do casarão quando ainda era Leprosário, foi a mais longa. Um verdadeiro teste de paciência para estudantes inexperientes no que se tratava de entrevistas. Foram gravadas exatas duas horas e dezenove minutos de entrevista, tanto em áudio quanto em vídeo.

Nosso objetivo na coleta de depoimentos que relatavam essas ocorrências de assombrações ao redor da Vila era de que estes viessem à tona de forma natural, e não forçados com perguntas, tal como aconteceu no depoimento do seu Francisco, que nos últimos 20 minutos, logo após descrever os episódios de tortura que ocorriam no casarão, começou a relatar esses casos. Com este depoimento e alguns documentos que contam a história da vila, disponibilizados pelo Secretário de Turismo, foi possível definir a linha que iria nortear o curta, que seria a mistura do documental com a ficção narrada pelas histórias contadas. Levando em consideração que a ideologia de um filme “se encontra na estrutura narrativa e nos discursos usados – imagens, mitos, convenções e estilos visuais.” (TURNER, 1997, p. 146).

Em meio a vários depoimentos sobre a história das ruínas de Paricatuba, a composição do curta se baseou na história da procissão, relatada pelo Sr. Francisco, e repetida por outros moradores. De modo que as partes que remetiam diretamente aos relatos de tortura fossem mencionadas no curta. A participação dos próprios produtores do vídeo no curta se deu em função da vontade de retratar as histórias contadas pelos moradores através da ficção.

O terceiro depoimento contido no vídeo é de Paulo Mamulengo, um morador que conhece muito da história da Vila e que guarda objetos que fizeram parte da estrutura do prédio, como cerâmicas e inclusive peças arqueológicas indígenas encontradas na própria vila. De todos os entrevistados, seu Paulo é o mais cético quando se trata de histórias de assombrações, apesar de saber contá-las na sua maioria.

Nesse primeiro momento, a história da Vila de Paricatuba foi contada através da composição dos três relatos, contando desde o início da sua construção até às principais instituições que se instalaram no prédio desde então. Esta fase finaliza com a declaração de seu Francisco que admite que essas assombrações ainda aparecem pela vila.

O segundo momento do curta, a parte da ficção, foi baseada nos depoimentos do Seu Francisco e do seu Paulo, que descreveram a mesma história, que também foi repetida por outros moradores. A história que fala de uma procissão que saía das ruínas em direção ao

cemitério da vila, em função de problemas técnicos, não foi retratada fielmente. Entre as principais dificuldades que interferiram diretamente na qualidade da filmagem, estava a iluminação, que foi improvisada com lanternas convencionais e de aparelhos celulares. Para lidar com essa dificuldade, umas das cenas que deveriam ser noturnas foi gravada com o dia ainda claro, por volta das 5hs da tarde, que foi a cena da barraca, onde a equipe conversa sobre o documentário. A imagem foi escurecida no *software* de edição de vídeo, assim como as demais que tinham excesso de luz.

Interpretando o garoto que guia um dos integrantes da equipe às ruínas, Ironilson de Moura, de 10 anos, nos acompanhou durante todas as fases de gravação do curta e aceitou gravar pacientemente as últimas cenas do curta, que foi repetida várias vezes, na tentativa de melhorar a visibilidade da cena. A última sequência de cenas, quando os dois já estão nas ruínas, foram pensadas durante as gravações, diante do problema que não podíamos evitar: a falta de naturalidade na interpretação da equipe, uma vez que ninguém tinha experiência em atuar. Mesmo com duas opções de final, se fez necessária a reformulação de um terceiro. O filme termina com a música que originou o nome, que mesmo sendo tocada nos créditos, criou uma identidade no curta.

Depois da exibição do documentário à banca avaliadora, composta pelos professores do módulo de audiovisual, foram feitas as devidas correções de defeitos no vídeo, de acordo com o que foi apontado pela banca, como na cena em que o Anilton, integrante da equipe, está seguindo o garoto. Nesta cena aparece ao fundo a escola da comunidade, com excesso de luz que, segundo os professores, quebrava o suspense. Então, o problema foi resolvido através do recurso de sobreposição de imagens na reedição do vídeo. Outra parte do vídeo corrigida, foi o momento em que o Anilton sai da barraca. Nesta parte, outro integrante da equipe também sai atrás dele, e acontece um erro de continuidade, que foi corrigido também com a sobreposição tirando o segundo integrante da cena, uma vez que não tínhamos outras imagens para substituir a cena.

6 CONSIDERAÇÕES

A experiência de inserção da equipe à frente das câmeras, na parte ficcional do documentário, foi enriquecedora. Ao trazermos à tona a história local aliada aos episódios de assombrações através do documentário participativo, fomos transportados para dentro da história, não só como meros observadores. Essa ‘evasão da realidade’ do tempo/espço

próprio do cinema (FANTIN, 2005, p.13), nos possibilitou então uma aproximação maior com os sentimentos daqueles que nos contara suas história.

Além de desafiar nossas habilidades e potencialidades no quesito do audiovisual em função da falta de equipamentos adequados, o curta “Orai pelas almas”, também desafiou no quesito jornalístico. Para o desenvolvimento do curta, se fez necessária uma pesquisa minuciosa sobre a história local, que não é contada em livros de história. O levantamento de informações e a apuração de dados históricos foram feitos através de documentos oficiais juntamente com os depoimentos que norteavam a pesquisa, como o livro ‘Leprosaria de Paricatuba’ que descreve em detalhes o período que a construção foi hospital e abrigo aos portadores de hanseníase.

As narrativas amazônicas sejam em formas de lendas, contos ou até mesmo histórias de vida de moradores, encantam desde a sua colonização. A Vila de Paricatuba, assim como tantas outras comunidades ribeirinhas ou não, guarda histórias que tem um potencial gigantesco para o audiovisual, e que esperam para serem contadas. E através da arte cinematográfica grande produções baseadas no maior capital humano, que é a cultura, podem ser disseminadas num contexto local, no que se trata de Amazônia, e até nacional e internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1ª Audiência Pública de Paricatuba- Iranduba/AM. **Beve histórico de Paricatuba**. 2010
- EISNER, Will. **The Masters of Comic Book Arts** (documentário). Ken Viola, EUA: 1987.
- FANTIN, Mônica. **Crianças no Cinema: Fragmentos e olhares**. In: Presente! Revista de Educação – Ano 13, nº 49, Salvador, BA, jun/2005, pp 13-19.
- LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. 1ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 2012.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- TURNER, Graeme. **Cinema como Prática Social**. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.
- UCHÔA, Samuel. **A leprosaria de Paricatuba**. 1885.
- VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a Análise Filmica**. Trad. Marina Appenzeller. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.